

---

**COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE**  
**MAIO DE 1999 BOLETIM ON-LINE Nº 13**

---

**SUMÁRIO**

---

- **Editorial**
  - **Nosso Primeiro Rei Momo - Lopes Bogéa**
  - **A reconstrução de um império na cidade de Alcântara - Izaurina Nunes**
  - **Cinzas e Aleluia em Terreiro de Mina - Mundicarmo Ferretti**
  - **O Boi do Nicolau e a Passagem do Fogo - Carlos de Lima**
  - **Cazumbá, máscaras e voduns: símbolos do nosso patrimônio ancestral - Bráulio Ayres**
  - **Estórias de Alcântara: Itamatatua de Santa Tereza - Eliane Lily Vieira**
  - **Galhos de Murta, unhas de gato: um ato religioso - Luzandra Diniz e Silvana Rayol**
  - **Memória de Velhos: uma janela aberta no tempo - Roza Santos**
  - **NOTÍCIAS**
  - **Perfil Popular - Maria Celeste Santos - Sérgio Ferretti**
- 

**COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF**

**DIRETORIA:**

Presidente: Sérgio Figueiredo Ferretti  
 Vice-presidente: Carlos Orlando de Lima  
 Secretária: Izaurina Maria de Azevedo Nunes  
 Tesoureira: Maria Michol Pinho de Carvalho

**CORRESPONDÊNCIA:**

CENTRO DE CULTURA POPULAR DOMINGOS VIEIRA FILHO  
 Rua do Giz (28 de Julho), 205/221 - Praia Grande.  
 CEP 65.075-680 - São Luís - Maranhão  
 Fone: (098) 231-1557 / 231 9361

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a CMF.

**CONSELHO EDITORIAL:**

Sérgio Figueiredo Ferretti  
 Carlos Orlando de Lima  
 Izaurina Maria de Azevedo Nunes  
 Maria Michol Pinho de Carvalho  
 Mundicarmo Maria Rocha Ferretti  
 Zelinda de Castro Lima  
 Roza Santos

**EDIÇÃO:**

Izaurina Maria de Azevedo Nunes

**VERSÃO PARA A INTERNET:**

Oscar Adelino Costa Neto

**ENDEREÇO ELETRÔNICO:**

[www.cmfolclore.ufma.br](http://www.cmfolclore.ufma.br)

**E-MAIL:**

[cmfolclore@ufma.br](mailto:cmfolclore@ufma.br)

---

**Editorial**

Este é o primeiro número do Boletim da Comissão Maranhense de Folclore que circula em 1999, vencendo as dificuldades peculiares a um ano de crise, na tentativa de continuar a contribuir para manter acesa essa chama palpitante da cultura popular maranhense.

E por falar em luz, este número nos fala da festa do Divino Espírito Santo, uma festa rica em rituais e que, nesse período, traz à tona a beleza e a energia de uma manifestação da cultura popular maranhense que se alimenta da fé de nosso povo.

Mas estamos no mês de junho, que chega e nos acalenta com o calor das fogueiras de São João. É a ocasião em que o bumba-meu-boi marca a sua forte presença. O artigo "Cazumbás, Máscaras e Voduns: símbolos do nosso patrimônio ancestral" nos convida a desvendar os mistérios de um personagem da rica cultura popular maranhense: os cazumbás.

É uma demonstração da nossa infundável e prazerosa tarefa de descobrir e redescobrir sempre o nosso povo através da sua produção cultural.

O Boletim da CMF, nessa edição, convida os seus leitores a passear pela riqueza da produção cultural da nossa gente. Vamos mergulhar no oceano da sabedoria popular. O Boletim se propõe a ser um ponto de referência nesse importante encontro.

Que este ano possamos aprofundar nossos reflexões, contatos e ações.

---

**Nosso Primeiro Rei Momo**

*Lopes Bogéa*

O primeiro Rei Momo do carnaval maranhense surgiu no carnaval de 1932, logo após a Revolução tristemente célebre. Aliás, as músicas ou modinhas do carnaval desse ano quase sempre se referiam àquele episódio histórico, gozando com os que haviam entrado pelo cano. Lembro-me que uma das músicas mais cantadas na época era a que se referia à queda do presidente Washington Luís e uma de suas estrofes dizia:

"Caiu de podre, quebrou  
 O barbado, se estrepou."

O fato mais badalado do carnaval maranhense era a chegada do Rei Momo. A imprensa abria manchete detalhando o evento anunciando que o monarca da folia ia chegar procedente do Rio de Janeiro no dia e hora tais e que seu desembarque triunfal ia se dar na estação de trens João Pessoa. A população era conclamada a se fazer presente para saudar o "Rei". O que se viu naquela tarde de sábado gordo foi algo fora do comum. Uma multidão compacta ansiava pela chegada da comitiva e, quando a "Maria Fumaça" apitou na entrada do túnel do Genipapeiro, foi aquele Deus nos acuda. Como ninguém sabia onde exatamente seria o desembarque de Sua Majestade, houve um corre-corre danado que acabou com gente saindo de braço quebrado e cara amassada. Se fosse um rei de verdade talvez a coisa não tivesse tanto efeito. Na hora em que a composição férrea entrou na plataforma, um foguetório ensurdecido tomou conta da gente, palmas, apitos, música, completo delírio popular.

Os primeiros a descer foram os vassallos, trajados de fofões com muitos guizos, formando ala dupla, para proteger a descida do "Rei". Faziam muitas acrobacias, o que dava um colorido todo especial ao espetáculo. Esses vassallos eram formados por grandes foliões da época tais como Nhô Prado, Lauro Serra,

Valentim Maia, Evandro Rocha, Benedito Silva, Tiago Silva, Augusto Monteiro da Rocha, Amadeu Aroso, os Gandra (Murilo, o Espanador da Lua e Cirano), Jesus Norberto Gomes, Frazão Carrapeta, e tantos outros da fuzarca que o tempo já não me permite recordar. Era gente que sabia brincar e fazer os outros caírem na folia. Gritos, cantoria assobios, serpentinas, confetes, rebuçados, pastilhas, pitombas eram atirados para o ar, numa alegria que contagiava a todos.

Finalmente, eis que se dá o grande e ansiado momento, aguardado com enormes expectativas por todos. O Rei desce no lombo de um boi, este todo pintado e com uma máscara na focinheira. Sua Majestade acena e joga beijos para a multidão que corresponde ao entusiasmo e vibra delirantemente. Todos queriam ver de perto o monarca, o primeiro Momo que aparecia na terra. Surgiam conjecturas e até mesmo apostas: quem é esse rei tão animado? Será fulano? Será sicrano? Curiosidade geral: ele não era outro senão o homem mais popular e humano que conheci naqueles idos, o grande Luciano Neves.

Sei que a turma jovem vai me tachar de saudosista, mas a realidade, minha gente, é que aquele sim, era o terceiro carnaval do mundo. Brincava-se muito, havia mais espontaneidade e muito mais riqueza nas fantasias. Não se gastava tanto. Afinal, os tempos são outros. Sei que hoje as limitações econômicas e a organização (?) excessiva prejudicam a expansão dos foliões, mas, que se há de fazer?

Extraído de BOGÉA, Lopes. Prosopéias. São Luís, 1979.

#### A reconstrução de um império na cidade de Alcântara

*Izaurina Nunes*

A festa do Divino Espírito Santo de Alcântara é uma das mais expressivas do calendário cultural e religioso do Maranhão. Ambientada pelas ruínas e sobrados do século XIX, a festa reconstitui uma corte, onde são revividos os costumes e o modo de vida de um império, e mobiliza toda a cidade o ano inteiro, podendo ser considerada a maior festa popular do Maranhão, uma vez que seu ciclo dura 365 dias.

A festa, que relembra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, teve origem em Portugal, com a construção da igreja do Espírito Santo em Alenquer, no século XIII, por ordem da rainha Dona Isabel, tendo chegado ao Brasil, com os colonizadores, três séculos mais tarde.

No domingo de Pentecostes, logo após a procissão que fecha o ciclo da festa daquele ano, é iniciado o ciclo da festa do ano seguinte, com a leitura do Pelouro, documento onde consta a relação de pessoas que farão a festa do próximo ano. Numa concorrida cerimônia na igreja da cidade, todos esperam o momento de conhecer os nomes dos futuros festeiros num clima de muita expectativa.

Imperador e Imperatriz, mordomo-régio e mordoma-régia se alternam a cada ano no poder imaginário, com todas as regalias que a posição lhes confere. A partir da leitura do pelouro, a primeira cerimônia da festa, a cidade passa a viver intensamente a festa do Divino Espírito Santo. Nas esquinas, os comentários se multiplicam sobre o imperador/imperatriz, mordomo-régio/mordoma-régia e mordomos-baixos/mordomas-baixas que a cada ano são escolhidos para dar continuidade aos festejos do Divino Espírito Santo.

A seleção de doze festeiros, feita por uma comissão organizadora, é criteriosa, pois a festa, além de exigir grandes investimentos em recursos financeiros, dá prestígio aos festeiros diante da sociedade local, o que pode se refletir, inclusive, em tratamento cerimonioso por parte dos moradores de Alcântara, numa demonstração de respeito pelo status adquirido com a escolha.

A festa do Divino Espírito Santo é rica em rituais. Na segunda-feira, após o domingo de Pentecostes, acontece a entrega do posto, quando os festeiros do ano passam os postos de imperador e mordomos para os novos festeiros, com salva de foguetes e acompanhamento das caixeiras, tocadoras de pequenos tambores denominados de caixas.

No mês de agosto, o imperador recebe a Santa Croa em cerimônia realizada na igreja, com a presença da sociedade local. Uma coroa trabalhada em prata, de grande valor religioso e histórico é entregue ao imperador-festeiro que, a partir desse ritual, já pode tirar jóias pela costa e interior de Alcântara, acompanhado de seu cortejo que inclui as caixeiras, as bandeirinhas e o alferes da bandeira ou bandeireiro.

A primeira cerimônia do ano da festa é realizada no Sábado de Aleluia durante a Missa do Fogo. Nesse dia, ao levar o santo (em forma de pomba) e colocá-lo no altar antes da missa, os festeiros confirmam o seu compromisso com o Espírito Santo. Nesse dia se inicia o período durante o qual os festeiros esmolam (pedir donativos para a festa) na sede da cidade.

Cada festeiro, obedecendo a hierarquia que concede prioridade ao imperador (ou imperatriz), sai pelas ruas de Alcântara com seu cortejo composto de mestre-sala, que leva a salva (bandeja redonda coberta por um pano branco rendado) e o vicentino (menino que carrega a sacola onde são colocados os donativos).

Os rituais se sucedem até o dia do encerramento da festa. Na véspera da Quinta-feira de Ascensão, a cidade se prepara para o início oficial dos festejos. Nesse dia, acontece o buscamento do mastro no porto do Jacaré. Um tronco de árvore, com cerca de 10 metros de comprimento, é transportado com muita festa ao Centro da cidade, onde é fixado em cerimônia popular conhecida como o levantamento do mastro.

A Quinta-feira de Ascensão se inicia com uma alvorada de madrugada e uma missa pela manhã, marcada pela coroação do imperador do trono (uma criança que representa o imperador-festeiro), que sai da igreja em cortejo pela cidade. À tarde acontece a prisão dos mordomos que são levados até o mastro do imperador onde, mediante o pagamento de prendas, são libertos.

Nas duas semanas que se seguem, Alcântara é só festa. Nesse período são rezadas missas e ladainhas todas as noites na igreja da cidade. No Sábado do Meio (entre a Quinta-feira da Ascensão e Domingo de Pentecostes) se iniciam as visitas, quando o mordomo-régio visita o imperador e no Domingo do Meio é a vez do imperador visitar os mordomos-baixos e o mordomo-régio. No decorrer da semana seguinte, os mordomos-baixos visitam o imperador. Nas visitas, imperador e mordomos servem mesas de doces e licores regionais, uma das características da Festa do Divino de Alcântara.

No Sábado, véspera da grande festa, é feita a distribuição de esmolos aos idosos pelo imperador e mordomos e no Domingo de Pentecostes, o imperador recebe seus convidados, com muita pompa, para um farto almoço e mesa de doces. O banquete é o ponto alto da festa que atrai centenas de pessoas para a cidade de Alcântara.

Após a recepção, é realizado o último ritual da festa. Todos vão à igreja de onde sai a procissão do Divino Espírito Santo. A festa se encerra na igreja, após a procissão, para onde todos se deslocam para a leitura do pelouro, iniciando o ciclo da festa do ano seguinte.

Fontes: LIMA, Carlos de. A Festa do Divino Espírito santo em Alcântara (Maranhão). 2ª edição. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988. 40p. il.

Entrevista concedida por Hélio Teixeira Leite, imperador da Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara de 1999.

#### Cinzas e Aleluia em Terreiro de Mina

*Mundicarmo Ferretti*

Todo terreiro de Mina realiza muitas festas durante o ano. Algumas em feriados e dias santos previstos no calendário oficial do país, outras em datas estabelecidas pelo calendário católico, outras no aniversário da chegada das principais entidades espirituais da casa, no aniversário do terreiro, ou em datas relacionadas com o ciclo de iniciação de filhos-de-santo (batismo, ordenação ou feitoria).

Embora nem sempre os de fora percebam facilmente, toda festa de terreiro tem relação com alguma entidade nele cultuada. Assim, quando uma casa festeja o 13 de Maio, costuma comemorar a libertação de escravos e homenagear os Pretos Velhos ou algum deles; quando festeja o dia 19 de Novembro, dia

da Bandeira, costuma render homenagem a João da Mata, também conhecido por Caboclo da Bandeira, ou a entidade de sua família. Do mesmo modo, quando festeja Reis, São João e São Pedro, costuma render homenagem a algum vodum ou caboclo a eles relacionado na Mina como: Dossu, Reis de Mina (06/01), João do Leme (24/06) e Pedro Angasso (29/06).

O Carnaval nos terreiros de Mina é geralmente antecedido e/ou sucedido por rituais religiosos, sendo o arrambam ou bancada - realizado na Quarta-feira de Cinzas - o mais conhecido. Sérgio Ferretti informa que a Casa das Minas realizava até 1975 ou 1976, no Domingo de Carnaval ou em domingo anterior a ele, um ritual denominado Entrudo, quando eram cantadas, em jeje, músicas especiais e os voduns mais jovens, os toquenos, brincavam jogando talco e água de cheiro uns nos outros e na assistência. Segundo a mesma fonte, o Entrudo era realizado durante o dia, sem vestimenta especial (FERRETTI, S. 1996:160; 1996b:10).

Além da Casa das Minas-Jeje, alguns terreiros da capital realizam a Bancada na Quarta-feira de Cinzas, como a Casa de Nagô, a Casa Fanti-Ashanti, o Terreiro de Iemanjá (de Pai Jorge) e o Terreiro Fé em Deus (de Mãe Elzita). Outros realizam-na em outras épocas do ano: no fim de março, como o Terreiro "das Portas Verdes", do saudoso José João; em maio, como o de Dona Santana, no Maracanã. A Bancada costuma levar muitas pessoas aos terreiros pois, além de serem distribuídas frutas e outros alimentos a todos, acredita-se que eles são portadores de "axé", uma vez que permanecem muitas horas no "quarto do santo" antes de serem distribuídos.

A Bancada é precedida por uma semana de muitas atividades: preparação de doces; torração de milho, feijão coco e babaçu; preparação de pipocas, de azogri (mistura de fubá de milho torrado e açúcar) e de alua; corte de fumo de rolo que deverá ser usado em defumações durante o ano todo; compra das frutas que deverão entrar na bancada etc.

Na Casa das Minas-Jeje, as comidas colocadas na Bancada entram no quarto de santo (come) na manhã de Domingo de Carnaval e vão para o barracão (guma) na tarde de Quarta-feira. Antigamente, nesse período, a casa era visitada pelas tobôssis (sinhazinhas) – entidades femininas infantis, recebidas pelas vodunsis-gonjai (com iniciação completa) e que não se confundiam com os voduns. Fala-se que elas não participavam do Entrudo "porque tinham medo de encontrar mascarados", mas permaneciam "em Terra" durante três dias - da noite de Domingo até a tarde de Quarta-feira. Também não sentavam na Bancada, mas tomavam conta dos alimentos enquanto estavam no "come" e tiravam as frutas que iam apodrecendo para que não fossem distribuídas.

Nos outros terreiros de São Luís, a Bancada é geralmente realizada em homenagem a entidades femininas recebidas pelos médiuns como "patroas", genericamente denominadas tobôssas - senhoras, moças e, algumas vezes, meninas, como as tobôssis da Casa das Minas-Jeje. Apesar de muitas delas quase não "baixarem" em toques de Mina, são recebidas com muito luxo e carinho na Bancada e, com a ajuda de algumas pessoas ligadas às filhas-de-santo, fazem a distribuição dos alimentos naquele ritual. Para elas são confeccionadas roupas novas, arrumados grandes tabuleiros com frutas, preparados doces e bebidas para serem por elas distribuídos.

Na Casa Fanti-Ashanti, no Terreiro de Iemanjá e no Terreiro de Dona Santana, as entidades femininas, que participam da Bancada (voduns e "patroas"), costumam trazer sobre os ombros uma manta de miçangas, semelhante à que era usada no passado na Casa das Minas-Jeje pelas tobôssis ("sinhazinhas") e costumam também trazer consigo uma boneca, apesar de muitas delas não se apresentarem em outros contextos como crianças. Como o nome delas é muitas vezes o diminutivo do nome da entidade recebida como "patroa" (Marianinha, Iemanjazinha), alguns acreditam que são elas mesmas na "linha de menina" ou que são suas filhas.

Como a Bancada da Casa de Nagô é realizada com entidades femininas infantis (meninas, como Linda), jovens (como Bossa) ou adultas e com entidades masculinas, não sabemos se o modelo adotado por aqueles terreiros (os que não foram abertos por africanos) foi inspirado na tradição da Casa de Nagô ou foi introduzido por algum terreiro classificado como "da Mata" ou "bêta" (na Casa das Minas-Jeje) - nem jeje e nem nagô.

Embora a Mina seja marcada pelo segredo e só os iniciados conheçam o verdadeiro sentido dos rituais, a Bancada tem sido apresentada como uma obrigação para que as entidades garantam fartura por todo o ano (FERRETTI, S. 1996:161). É, portanto, um rito de fecundidade e, como as representações da mulher geralmente enfatizam seu poder germinador, é mais do que compreensível que as entidades femininas tenham nela uma posição de destaque, quer cuidando dos alimentos, como as tobôssis da Casa das Minas-Jeje, quer distribuindo-os, como as meninas da Casa de Nagô e as tobôssas dos outros terreiros.

Na Casa das Minas, depois da Bancada, os voduns permanecem "em Terra" até meia noite. Antes de irem embora, deixam para as vodunsis uma trouxinha feita com um lenço de seda, denominada "carga", contendo uma pequena porção dos alimentos distribuídos na Bancada (coco e feijão torrados, azogri, pipoca e alguma fruta pequena). Essa "obrigação" não deve ser repartida, a não ser com outra esposa ou filha do mesmo vodum, pois marca a sua ligação com elas.

Geralmente, depois do ritual da "Quarta-feira de Cinzas", os voduns e demais entidades espirituais da Mina deixam de vir à Terra, retornando apenas no Sábado de Aleluia, quando termina a Quaresma – tempo definido no calendário católico. Nesse período, os filhos-de-santo dos terreiros de Mina de São Luís costumam participar intensamente da liturgia católica. Embora alguns terreiros realizem rituais na Sexta-feira Santa, a maioria só reabre na noite de Sábado de Aleluia, quando é celebrada a ressurreição de Jesus, que na Casa das Minas-Jeje é também denominado "Iêvô-vodum" e é respeitado como um "vodum" maior. Acredita-se que nesse período de ausência, as entidades espirituais ficam empenhadas no atendimento a necessidades de seus filhos, devotos e da humanidade em geral, e que voltam Sábado de Aleluia trazendo a todos o que mais precisam.

Cinzas e Aleluia em terreiro de Mina são, portanto, dois momentos de um ciclo de renovação, onde o sofrimento e a morte, anunciados pelo primeiro e vivido na Quaresma e na paixão de Cristo, são ultrapassados com a ressurreição. Nesse período, os "mineiros" deixam de receber suas entidades espirituais e passam a viver intensamente os mistérios do cristianismo, pois a "linha de Mina", que é fechada na Quarta-feira de Cinzas, só é reaberta no Sábado de Aleluia, como sugere a letra de uma "doutrina" cantada em muitos terreiros:

"Aê bagedô, aê bagedô  
Rompeu Aleluia vodum raiou"...

No Domingo da Ressurreição (que se segue ao Sábado de Aleluia), muitos terreiros (como a Casa das Minas, Casa de Nagô, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro Fé em Deus) abrem ao meio dia a Tribuna do Espírito Santo, iniciando o ciclo de uma grande festa. À noite, muitas casas realizam toques e em algumas costuma ocorrer ritos especiais. No terreiro de Mãe Elzita (Fé em Deus), começa o Tambor de Fulupa, onde os Surrupiras e outras entidades da mata deitam em cama de espinho. No Terreiro de Iemanjá, ocorre o Mocambo, festa de pagamento realizada na Casa de Nagô logo após a festa de São Sebastião, onde as entidades presenteiam os tocadores e auxiliares do culto.

Cinzas e Aleluia deixam nos terreiros de Mina uma mensagem de esperança e de confiança no futuro. Depois de Aleluia, os voduns ressurgem e as comunidades dos terreiros voltam a se mobilizar para fazer suas obrigações para que possam contar sempre com a proteção de suas entidades espirituais.

#### BIBLIOGRAFIA

FERRETTI, Mundicarmo. Terra de Caboclo. São Luís: SECMA, 1993.

\_\_\_\_\_. A mulher no Tambor de Mina. Mandrágora, ano 3, nº 3, 1996, p.33-41.

FERRETTI, Sergio. Querebentã de Zomadonu. São Luís: EDUFMA, 1996

\_\_\_\_\_. Quarta-feira de cinzas nos terreiros de Tambor de Mina: o arrambam. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nº 04, p.10, fev. 1996.

OLIVEIRA, Jorge. Orixás e voduns nos terreiros de Mina. São Luís: SECMA, 1989.

SANTOS, Maria do Rosário C. e SANTOS NETO, Manoel dos. Boboromina: terreiros de São Luís, uma interpretação sociocultural. São Luís: SECMA, 1989.

Para os antigos o mundo se compunha de quatro elementos: ar, água, terra e fogo, aos quais Aristóteles acrescentou mais um - a quinta essência supralunar.

Várias são as versões, através dos tempos, para explicar a descoberta do fogo, ao que parece resultante da observação das próprias forças da natureza: o raio, o vulcão, o atrito dos ramos de uma árvore pela ação do vento. Qualquer, porém, que tenha sido, o fato é que sua utilização e conservação marca o início da era civilizada.

Desnecessário encarecer a importância do fogo na vida de todos nós e o que ele representa como a centelha do gênio e da audácia de Prometeu, o mito do homem a roubar o fogo de Zeus. Universal. O fogo aparece de várias formas nas crenças antigas e nas modernas religiões, simbolizando fervor, entusiasmo, paixão, veemência, ardor, excitação, esplendor, brilho, energia, vivacidade, agitação. É fogueira, labareda, fogão, lareira, incêndio, farol, purificação. Foi ao redor da fogueira que se formou a família e o próprio fogo passou a simbolizar os mortos queridos, os deuses-lares. Em todo o mundo a chama votiva nunca se apaga nos templos como testemunha da fé. No zodíaco, Áries, Leão e Sagitário são signos fortes, marcas de fogo, símbolos do sangue rubro.

O fogo é sagrado! Quantas superstições e máximas o têm como objeto! Quem queima cabelo enlouquece; quem urina no fogo seca as urinas; quem cuspe no fogo fica tísico; e perde a fortuna quem põe couro a queimar. Não se brinca com fogo e a sabedoria popular aconselha que o primeiro ato de quem faz casa nova é acender o fogo, pois só assim ali se instala a família e toma posse da nova morada. Significativamente, a pedra do fogão se chama lar, de onde provém a palavra lareira.

Para expressar entusiasmo passageiro diz-se que é fogo de palha e mal que tenha longa duração é como fogo de monturo, que consome oculta e permanentemente. Arder entre dois fogos é estar a braços com dois problemas; deitar lenha na fogueira significa atijar desavenças e estar a ferro e fogo se traduz por inimizade feroz. Não há maior golpe ou frustração do que negar fogo e ninguém deseja penar no fogo do inferno.

No Olimpo, o fogo fez jus à personificação em um deus - Vulcano, e a Igreja Católica celebra com grande alegria a cerimônia do fogo novo, no Sábado da Aleluia, como um renascimento, reminiscência de igual festividade que se realizava em Roma, no dia 1º de março. Em várias partes do mundo usa-se o exercício penitencial de andar sobre o fogo e tempos houve em que submeter-se ao fogo constituía prova de inocência perante os tribunais. D. Leonor Teles, rainha de Portugal, prometeu sujeitar-se ao fogo para dirimir dúvidas sobre o assassinato do Conde Andeiro. Daí a expressão "à prova de fogo". No Monte Sorate, os crentes andavam sobre brasas em honra a Ferônia, deusa das colheitas e, na Índia, a ordenação dos sacerdotes incluía essa experiência.

Fogo e calor são símbolos de fonte procriadora, energia vivificante, fecundação, germinação. Flora, Diana, Ceres, Cibele, Deméter, Libera, Coré, Pales, Artemis, Pomona, Persefona, são outros tantos nomes dessa força criadora, desse fogo misterioso gerador da vida, cuja mais preciosa representação é o sol, desde priscas eras adorado como um deus!

"Assim, numa associação de idéias, europeus, africanos e asiáticos acendiam fogueiras no solstício de verão, tentando ajudar a aparente fraqueza do astro que parecia desfalecer na extrema distância do giro", ensina o mestre Cascudo. Esta é a origem das fogueiras: a necessidade de acordar o sol. Nas festas juninas, inconsciente disso, canta-se para acordar São João.

É o fogo da fé que permite aos católicos de Castela, a Velha, andarem sobre brasas sem se molestar e é esse mesmo fogo que faz os mártires e os santos. Tudo se atribui à força de vontade, à íntima convicção de que é possível sair incólume, pois ao menor dos temores, frustra-se a experiência e as queimaduras aparecem.

Nosso Bumba-meu-boi guarda (ou guardava) também essa tradição da prova de fogo.

Andava eu, em minhas pesquisas, pela cidade de São Bento, hóspede de meu saudoso amigo Carim Miguel Choairy, quando chegou a novidade: o Bumba-meu-boi do Nicolau vai fazer a passagem de fogo na rua Braga Soares. Era o dia 12 de junho de 1947.

O Gerente das Lojas Pernambucanas havia feito uma aposta com meu compadre Nicolau Pinheiro (Que Deus o tenha!), de que o Boi não agüentaria o fogo cruzado dos busca-pés.

(Para quem não conhece busca-pé, diremos que se trata de uma taboca de bambu (ou um canudo de flandre), com urna polegada de diâmetro e uns 30 centímetros de comprimento, na qual se põe pólvora e se lacra com barro visguento chamado massapê. Há um pequeno pavio para inflamar o foguete e os alvos do ataque, além do jato forte incandescente. Recebem ainda verdadeiros petardos de argila endurecida. Aliás, os busca-pés eram de uso generalizado durante a temporada junina, conforme o protesto de um leitor do Farol Maranhense (1929), transcrito a seguir: "Disse-me o tal meu compadre, que na noite de São João houve muito fogo: que andavam malocas de 40-50 pessoas pelas ruas armadas de busca-pés e mui alegres: que a Polícia não prendeu ninguém porquanto nenhuma desordem acontecia. Ora, Sr. Redator, que dirão a isto os Senhores das Revoluções?" Também os busca-pés serviam de arma nas freqüentes escaramuças políticas: Dunshee de Abranches, em "A Setembro", conta que "o governo proibira os fogos e destacara forças para que os bandos de Bumba-meu-boi não passassem do areal do João Paulo. Apesar dessas ordens rigorosas, na noite de 23 de junho de 1823, armados de perigosos busca-pés de folha de flandres e de carretilhas esfusiantes, grupos de rapazes, inimigos ferozes dos puças (Apelido dado aos portugueses), afrontaram a soldadesca até o Largo do Carmo, onde dançaram e cantaram versalhadas insultuosas contra os portugueses, através de um verdadeiro combate de pedras, pranchadas e tiros de toda espécie.

A casa de Francisco Coelho Resende, recém-construída, ficou muito danificada e com as portas arrombadas, sendo atiradas à rua numerosas e finas mercadorias.")

Fechados os parênteses, voltemos ao Boi do Nicolau. Nessa noite ocorreu ao local da prova multidão de povo. Nas calçadas altas, de um e outro lado da rua, postaram-se os caixeiros das Lojas, armados de dezenas de busca-pés, aguardando o momento da ação. Era grande a expectativa e faziam-se prognósticos contra e a favor do Boi. Finalmente, vindo da rua Grande, apontou o "Assombrador" do Nicolau, acompanhado por uns trinta brincantes. Algumas providências foram tomadas: os belos chapéus de fitas entregues às "mutucas", as mulheres que normalmente acompanham o Boi. Molharam-se também as fantasias de amo e rajados, bem molhadas, que ninguém é de ferro. Os atiradores acenderam os rojões e o fogo tomou conta da rua, de ponta a ponta, desafiando o Boi. Formou-se a câmara ardente e o cortejo começou a desfilar sem perder a pose, sem esmorecer o batuque, sem abaixar as vozes. À proporção em que penetrava no túnel, mais crescia o fogaréu, os jatos ígneos cruzando-se no espaço para incidir diretamente sobre o "batalhão" impávido, coeso, disciplinado, heróico, indiferente, tatalando as matracas, os pandeiros mantendo o ritmo, os maracás desfolhando sonidos, para chegar vitorioso ao final da rua, aplaudido, ovacionado, e receber o merecido prêmio pela façanha. Foi, não tenho dúvida, a confiança em si mesmos, a fé em sua própria força e determinação, que levaram os brincantes do Nicolau a resistir ao fogo, tal como os católicos da Espanha.

Informou-me, Apolônio Melônio, dono e cantador de Boi, que este era um velho costume do povo da Baixada, de São Bento, de Viana e de Penalva, e que se fazia não só por promessa ou aposta, mas também como mera diversão de rapazes pândegos que, repentinamente, cercavam o Boi no meio da rua e caíam-lhe, em cima com os busca-pés incendiários simplesmente para gozar a aflição dos surpreendidos com a "brincadeira". Decerto será esta uma outra versão da famigerada Farra do Boi sulina, pelo menos com o mesmo espírito sádico daquela.

O costume de passar fogueira ainda é praticado no nordeste, mais alegórico do que outra cousa, dispensando-se o sacrifício de pisotear as brasas, bastando pular sobre elas, para selar o compadrio ou o namoro, obedecendo ao recitativo secular: " - São Pedro e São Paulo, São Felipe e São Tiago sejam testemunhas de que Seu Bídico é meu compadre de que o Zacarias é meu amor... de que dona Flor é meu cravo... etc., etc." E é contrato levado a sério, assumido para toda a vida.

A fogueira, o túnel candente imposto aos Bois, o andar sobre o fogo na Espanha e na Índia, a festa em honra a Ferônia, o culto aos deuses-lares, o Fogo Novo católico, tudo isso atesta e repete a anciã veneração dos povos por essa força criadora e purificante representada pelo fogo e pelo sol.

Nil novi sub sol, afirmava Salomão e está no Eclesiastes.

Cazumbá ou Pai Francisco (O termo Cazumbá ou Pai Francisco, aqui empregado, é linguagem usada pelo pessoal do "boi de promessa", realizado na região de Penalva e Viana, onde pouco se distingue, Cazumbá de pai Francisco e outros nomes a eles atribuídos.) são títulos que tentam personificar a imagem do mito mais misterioso no auto do bumba-meu-boi nos diversos sotaques do Maranhão. Ele se destaca entre os bailantes e os brincantes, entre as catirinas e os almas de boi, entre o padre, as mutucas e outros, por suas características inconfundíveis. Vejamos algumas:

- É invadido por um profundo silêncio místico, como o de um asceta (qualidade, entre nós, atribuída a um monge católico);
- Atitude vigilante. Como nos fala o salmista, ele espera pelo dia "como o vigia anseia pela aurora". Pois, a noite (onde ele prudentemente faz guarda, ameaça as vidas), pertence aos mortos, aos espíritos e aos mistérios;
- Protetor incansável, circula as "turmas" (Nome usado para identificar as diversas agremiações compostas por grupos étnicos geograficamente situados e distintos. Na maioria dos casos, esses grupos são formados por membros da mesma "chiqueirada", isto é, pessoas da mesma idade ou nascidas na mesma época, chefiadas por um "patrão de boi" responsável pela iniciação ou formação dos membros da turma), para que nenhum inimigo venha atrapalhar a promessa do devoto;
- Zelador cioso, procura observar os preceitos de "matança", de oferenda (despachos), a fogueira, o mastro, se a mesa da "tripulação" está bem servida, se os arredores da casa não escondem nenhum malefício ou espíritos perturbados e se outros preceitos da promessa são observados sem omitir nenhum detalhe;
- Indumentária sacerdotal - ele é fardado com uma túnica longa ornada com espelhos, guizos e franjas multicores, muitas vezes com emblema ou brasões que o identificam; e os chocalhos, uma espécie de alarme que, como abre-alas, anunciam a sua passagem (como o agogô nos terreiros); o cofo cheio de "dinheiro", retalhos de metal, louça, porcelana, onde ele esconde o segredo da cura, da adivinhação e da advocacia (instrumento de trabalho de Afã (instrumento da adivinhação usado em toda área cultural dos cultos prestados aos vodus na África Central.), princípio da adivinhação no Togo);
- E, por fim, na África, a careta ou máscara, que vela a identidade do protetor, benfeitor dos pobres e indefesos (as máscaras são usadas para esconder a imagem dos mortos, dos vodus e ancestrais históricos nas festas públicas), que são na sua maioria os remanescentes das culturas africanas e dos seus descendentes na diáspora.

Fato curioso é que o cazumbá nunca participa das para-liturgias, como a reza dos benditos. Ele sempre faz uma sessão de cura, adivinhação e pejejança paralela no terreiro, como que atraindo algo para fora do ambiente sagrado, ou como quem vigia o mastro e a fogueira, que, geralmente, ficam a mercê das crianças e dos bêbados. (Experiência vivida por nós, nas turmas dirigidas por velhos patrões, como: Quebra Eixo, Tolentino, Geraldo, Nilo e Maciano (turma do Cunduru); Filipe dos Santos e Deomírio (turma da Tadéia) no município de Penalva; Gonçalo, Giomar e Zé Oliveira (turma de São Cristóvão) município de Viana. Nessas turmas brincaram grandes cazumbás, como: Fabrício, Chagas, Justo e outros homens conscientes de sua missão religiosa junto às turmas – pessoas de uma grandeza sem par – que nos oportunizaram tal experiência).

A presença das máscaras na cultura africana encontra-se principalmente nos cultos aos ancestrais divinizados, nos ritos de funerais e nos ritos de iniciação. Elas ocupam um lugar determinante na espiritualidade das diversas comunidades africanas, como na antiga capital do Reino de Abomey, Uuidah. A máscara (confeccionada em madeira, tecido, resina ou argila) marca os diversos momentos da vida, não só dos africanos como também de outras culturas mais antigas.

A linguagem da imagem aproxima o humano do divino, tornando o divino mais acessível. Acaba ajudando a compreender o mistério velado, dando sustentação ao imaginário de tantas expressões de fé na existência humana, como na concepção do Dogma da Trindade (padres da Igreja citados por São Tomás), nos cultos aos mortos, nos funerais, nos combates aos perigos de epidemias e desastres naturais, na morte e até mesmo nos momentos propriamente culturais.

Daí, observando cuidadosamente, percebemos que a presença vigilante, protetora, zeladora e alerta dos vodus ("disfarçados" com suas longas vestes, seus guizos, chocalhos e máscaras) é semelhante, salvo em suas particularidades, aos cazumbás do auto do bumba-meu-boi. Essas e tantas outras semelhanças podem ser percebidas se comparadas as atitudes do cazumbá maranhense com as práticas rituais dos vodus ancestrais do velho Dahomey.

Vejamos, no que segue, alguns aspectos exteriores do culto a Legba, Dã e Avlekete, vodus da segunda linhagem da família de Heivesso, divindade secundária do panteon Ewé.

Tendo visitado algumas comunidades de culto tradicionais (Em 1993, por ocasião de nosso ano sabático, tivemos a oportunidade de conviver com algumas comunidades tradicionais do culto vodu no Togo, Gana e Benin, onde aproveitamos para fazer a pesquisa de campo sobre Santos e Vodus Ancestrais, tema do nosso trabalho monográfico.) e baseado na vasta contribuição de alguns africanistas, pude constatar que na região Ouatchi (região cultural do culto vodu que compreende Gana, Togo e Benin), prevalece a influência desses vodus na vida dos indivíduos e das comunidades. Dã, representado pela serpente de fogo, caracteriza-se com tudo o que dá vida e é simbolizado pelo arco-íris; Legba é o vodu do imprevisível, da liberdade, do movimento, dos meios de comunicação entre os homens e Deus.

Não é por acaso que a solidariedade é a ação que liga vodus e ancestrais aos homens. Eles se completam e não podem existir sem a indispensável ajuda mútua. É através das orações e dos sacrifícios que os homens (indivíduos ou comunidades) dão força aos seus vodus, recebendo deles, em troca, a intercessão e a proteção, reafirmando assim a tradição africana de que os mortos vivem com os vivos.

Uma relação de amizade une o vodu Heivesso ao vodu Dã. Dã acompanha, freqüentemente, Heivesso em sua missão pelo "mundo". Dã, na sua forma de arco-íris, enfrenta constantemente a voz (ação) gaiata e zombadora de Heivesso que se manifesta nas tempestades. Dã se mistura aos raios, aos relâmpagos, às trovoadas (às vezes tomando forma de "serpente de fogo"), a fim de acalmar a ira do vodu do trovão e evitar que a intemperança de Heivesso venha atingir a terra e os homens. Após ter conseguido sua missão, ele aparece na calmaria como arco-íris, símbolo do vodu da paz.

Dã é também uma força, um princípio espiritual, como a idéia da vida e do movimento, da água corrente, da fumaça e das ervas que ondulam. Dã e So são nomes dados a dois irmãos nascidos depois de um parto de gêmeos, razão de serem chamados nas comunidades ewés também de Dotse e Dosu. Dotse é o nome do mais moço. A colaboração e semelhança entre eles é bastante forte, eles se parecem muito, "encontrando um deles no caminho não é fácil distinguir quem é quem". Eles, freqüentemente, recebem outro nome: Dossu e Avlekete. Tem-se dificuldade de saber se se trata do mesmo vodu ou de um outro. O nome Dossu é atribuído por causa do seu temperamento zangado e o de Avlekete por causa da agitação dos seus fiéis durante as grandes cerimônias.

Legba é o guardião, o mensageiro e, por vezes, considerado um soldado incansável que acompanha sempre Afã e os demais vodus nas suas missões. É ele quem faz aplicar as decisões dos vodus e de Afã. É, por vezes, um servidor fiel e muito interessado. É consciente da importância do seu papel como "procurador" incansável! Astucioso e malicioso, ele quer ter sempre razão! Afã e os outros vodus o têm como confidente indispensável. É ele quem tem "que se virar" nos pequenos serviços e deve resolver os problemas de ordem prática que aparecem na hora das cerimônias públicas ou privadas. Às vezes, parece que ele é o verdadeiro mestre do mundo, o verdadeiro dominador da situação porque sem ele, nada seria possível: o caos e a confusão invadiriam o mundo!

O símbolo comum de Legba é o cachorro. Ele é o guarda por excelência, que se vê a todo instante em torno de seu mestre, dentro do "terreiro", na porta de entrada do "convento" e do quarto do vodu, no meio do quintal e da Floresta Sagrada. Se uma oferenda ou um sacrifício for apresentado a um vodu, Legba terá a sua parte. Legba não é o governador do mundo, mas é, sem dúvida, o "braço de ferro" sempre atento para que a lei moral e os preceitos religiosos sejam perfeitamente observados.

No Benin, Togo e Gana, principalmente em Uuidah, é comum a presença de divindades com essas características que acabamos de descrever. A praça principal, onde se encontram o Seminário e a Catedral católica, é dedicada a Dã. Ali, o vodu cultuado se manifesta como uma "serpente de fogo". Uma grande árvore no centro da Floresta Sagrada é a habitação mística dos ancestrais da cultura vodu nacional. Para anunciar, advertir sobre as ameaças das pestes, das guerras, da esterilidade, das mortes e os perigos naturais, tais como: secas, enchentes etc., assim como também para comunicar o fim dessas calamidades, personagens com as características de nosso cazumbá passeiam pelas ruas da vila até a praça principal onde os rituais e sacrifícios são feitos para acalmar a "ira", o descontentamento dos ancestrais, vodus, mortos e divindades históricas.

Esses mascarados não podem ser tocados e nem tão pouco se aproximar das pessoas, pois eles, na sua maioria, absorveram sobre si as mazelas que ameaçam a vida, como é o caso das epidemias de varíola, de febres, esterilidade, morte infantil e juvenil. Debaixo da indumentária se esconde um corpo

chagado e desfigurado pelas pestes e epidemias. Só os cantos, as danças, os rituais e os sacrifícios revelam a sua verdadeira identidade.

Como experiência do êxodo dos símbolos do palácio de Dhomey (na ocasião em que a mãe do rei Guezo e alguns membros de sua família foram capturados e vendidos como escravos), chegou ao Maranhão a prática de confeccionar tambores, no estilo dos três tambores rituais (usados nas cerimônias do palácio real) que se tornaram instrumentos indispensáveis no Tambor de Crioula, festa consagrada a São Benedito, o preto. Assim acontece, também, com as máscaras ancestrais da Mãe África, que foram associadas ao teatro do bumba-meu-boi, ligado à imagem de Pai Francisco - o nosso estimado Cazumbá.

---

### **Estórias de Alcântara: Itamatatiua de Santa Tereza**

*Eliane Lily Vieira*

No ano de 1515 nasceu em Ávila, Espanha, Tereza de Ahumada, que tomou o hábito dos carmelitas em 1536. Uma das fundadoras das carmelitas descalças, Santa Tereza D'Ávila ou Santa Tereza de Jesus, apesar de seu intenso trabalho missionário, nunca veio ao Brasil, mas tornou-se a dona e protetora das terras de Itamatatiua, em Alcântara, no Maranhão.

Os primeiros representantes da Ordem dos Carmelitas desembarcaram em São Luís em 1615, com a armada do general Alexandre de Moura, que vinha consolidar a reconquista do território pelos portugueses do domínio francês. Estabeleceram-se e influenciaram a história da província durante os séculos XVII, XVIII e XIX. Fato é que nesses três séculos, a Igreja, através de suas irmandades religiosas, possuía uma série de bens, incluindo escravos, que garantissem a produção agrícola e outros serviços. Os mercedários e carmelitas foram senhores de numerosas propriedades na região de Alcântara e aos últimos foi atribuída a organização de uma fazenda na área onde hoje se localiza o povoado de Itamatatiua.

Contava Mãe Calu (última remanescente da escravatura em Alcântara) que na época da abolição, os escravos que serviam à Irmandade do Carmo tiveram uma visão com Nossa Senhora, onde ela mandava que eles fossem embora e indicava um caminho. Mas, quatro grupos de negros, provavelmente de origem banto, ligados por laços tribais e de parentesco, resolveram ficar e mudaram-se para os sítios e fazendas da Igreja no interior. As estórias sobre as terras de Itamatatiua são muitas. Uns falam de um antigo quilombo e outros afirmam que "os pretos foram pra lá porque queriam e Santa Tereza deu permissão".

Itamatatiua é um distrito do município de Alcântara onde se chega de carro em cerca de uma hora. Com pouco mais de 300 habitantes, possui 105 construções, escolas e posto de saúde próximo. Como outros povoados da região, sobrevive da roça, da criação de animais domésticos, de plantações caseiras e da extração de mangue (soró), transformado em carvão para uso próprio e comercial. Sua particularidade econômica é a produção sistemática de artefatos de barro utilizados pela própria comunidade e comercializados nos sítios próximos, em outros municípios e em São Luís, por atravessadores. Sua peculiaridade histórico-cultural é ser uma terra de pretos e de santo, estabelecida em posses da Igreja: Itamatatiua de Santa Tereza.

Não se sabe ao certo quando a comunidade começou a produzir utensílios de barro e muitos dizem que "foi uma bênção da Santa no tempo dos mais antigos". Certo é que essa atividade é comunitária e familiar, promovendo a união do grupo. As crianças praticamente nascem no meio do barro. Cedo ajudam as mulheres na fabricação da LOUÇA e aprendem a fazer seus próprios brinquedos. A argila na região é de cor escura e "buscada no meio da lama". As mulheres abrem os barreiros e separam o barro. Os homens o transportam para o sítio, em cofos carregados: no lombo de animais, no pau de carga ou na cabeça, onde é colocado nas barracas próximas às olarias ou à casa das louceiras. Aí o barro é limpo, molhado, misturado com areia branca passada em peneira de guarimã e amassada com os pés "para fazer a liga e formar a massa" que as habilidosas mãos artesãs transformam em potes, panelas, pratos, alguidares, bilhas, canecos, jarros etc. Essas peças, depois de postas para secar à sombra, são "assadas" em fornos à lenha. Aos homens cabe a fabricação de telhas e tijolos que obedece ao mesmo processo.

Parte da venda dos objetos de barro, bem como parte da produção da roça e da criação de animais, é destinada à Santa e à festa, realizada sempre no mês de outubro em datas móveis. Os arranjos e a preparação da festa duram o ano todo, mas do mês de setembro em diante os moradores passam a viver em função da mesma. A Igreja e a Casa da Santa são enfeitadas com ornamentos feitos de buriti, papel celofone e laminado, tinta e outros materiais. São armados o altar e a mesa de doces. Os quintais e ruas são capinados e as casas limpas e "ajeitadas". Adultos e crianças de roupa nova "para melhor se representar" na celebração dos batizados, na procissão, na missa e nos bailes à radiola.

Chega afinal o tão esperado momento. O sítio está cheio e o movimento é grande. São pessoas de outros povoados, de São Luís, de outros municípios e até de outros estados. Pessoas que vêm pagar promessa, parentes e amigos que se reencontram para homenagear a Santa e "brincar". É dia de Festa: sai a procissão da Casa da Santa rumo à Igreja, acompanhada por caixeiras, uma pequena multidão carregando velas de vários tamanhos e crianças vestidas de anjo. Realiza-se a missa e na Casa da festa, o altar iluminado, a mesa de doces, a banda de música, muita comida e bebida aguardam a volta dos convidados. Mais tarde vem a hora da "VARRIÇÃO": as caixeiras entoam hinos de louvor a Santa Tereza; as bandeiras (Meninas que carregam pequenas bandeiras durante o ritual da festa) e outras crianças com vassouras de juçara e carnaúba saem varrendo a Igreja, as ruas, as barracas, as olarias e as casas na maior algazarra.

Em frente à Igreja, todos dançam ao som das caixas e da banda de música, esperando o derrubamento do mastro e a entrega do retrato da Santa ao Juiz ou Juíza (responsável pela festa) do próximo ano, como símbolo do compromisso assumido.

No ano de 1993 não houve a festa grande, apenas a ladainha, a missa e os batizados. As caixeiras, o povo em geral e até a Santa saíram da igreja e da Casa da Festa sempre de costas: morreu em junho desse mesmo ano Seu Eurico de Jesus, filho de Itamatatiua, nascido em 1908. Seu Eurico foi por muitos anos uma espécie de responsável maior pela Igreja, pela Casa e pelas terras da Santa. Em sua guarda, ficava a pedra com a inserção que serviu como um documento para definir a posse das terras.

"COLONI ST. THERE MANDADA EDIFICAR EXº Prc. CD. GRACILIANO A. P. PIMENTEL 25 D'AGOSTO DE 1878 DERL M. J. C."

A partir da segunda metade do século XX, o município de Alcântara passou por uma série de situações com as quais a população não estava acostumada. A instalação do Centro de Lançamentos Aero-Espaciais (CLA), nos anos 80, acabou por definir novas regras, mesmo para as áreas relocadas ou diretamente atingidas. Sede e povoados tiveram que se adaptar à nova realidade. Itamatatiua, no entanto, pareceu resguardar-se, preservando seus hábitos e costumes. O trabalho com o barro (embora passando por um período de crise) e o fato de ser uma terra de negros e de santo são pontos decisivos no modo de viver daquela gente e que contribuem diretamente na união, sobrevivência e identidade cultural da comunidade.

Comenta-se, em Alcântara, que houve um tempo em que os padres queriam a guarda da imagem de madeira policromada de Santa Tereza, "mas qual?, o povo não deixou. Isso vem desde antiguidade, dos mais velhos. É como as terras são da Santa, lá eles são considerados uma irmandade, a Irmandade de Santa Tereza. Os caboclo lá são todos unidos e ela é a Santa mais rica que nós temos dentro desse município de Alcântara" - Itamatatiua de Santa Tereza.

---

### **Galhos de murta, unhas de gato: um ato religioso**

*Luzandra Diniz  
Silvana Rayol*

Em São Luís do Maranhão, ainda é tradição encontrarmos pessoas que homenageiam o nascimento do Menino Jesus. Geralmente ligadas à cultura popular, notadamente com Dona Terezinha Jansen, figura conhecida em nossa cidade por contribuir na manutenção e propagação das nossas manifestações populares e religiosas.

Na sua residência, um bonito casarão do século XIX, situado no centro comercial de São Luís, presenciamos o ritual de caráter religioso e festivo que completa o ciclo natalino: a queimação de palhinhas.

O evento inicia-se com a chegada de parentes, amigos e convidados de diferentes faixas etárias, na maioria de sexo feminino. Vão-se acomodando no interior da sala, onde está localizada a árvore de natal, juntamente com o presépio, constituído de grande número de imagens de animais e pastores, em torno do Menino Jesus.

Assim, também, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, órgão da Subgerência de Cultura do Estado, tem viabilizado, em parceria com a Comissão Maranhense de Folclore, no mês de janeiro, desde o ano de 1995, os festejos de Reis, sobressaindo a queimação de palhinhas, ato que atrai grande quantidade de pessoas de diversas localidades, celebrado sempre por representantes da nossa Cultura Popular.

Em face de São Luís haver recebido o título de "Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade", o Centro de Cultura Popular homenageou, este ano, a cidade, com um presépio sob o tema " As Igrejas e Paços do Centro Histórico de São Luís."

Nas duas localidades, ou seja, na casa de Dona Terezinha Jansen e na sede do Centro de Cultura Popular, a queimação de palhinhas ocorre quando já se tem um número considerável de convidados. Dá-se início à ladainha, com cânticos em louvor ao Menino Jesus, e fazem-se orações, acompanhadas de agradecimentos.

A seguir, os presentes formam grande fila para receberem as palhinhas (galhos de murta e/ ou unhas-de-gato) que serão queimadas num fogareiro, devendo fazer um pedido ao Menino Jesus, em meio a cânticos e louvores, destacando-se os seguintes versos musicados:

"As nossas palhinhas  
já vão se queimando  
E as pastorinhas  
Estão todas chorando

Adeus meu menino  
Adeus meu amor  
Até para o ano  
Se nós viva for"

Após a queimação de palhinhas, como manda a tradição, é servido aos presentes chocolate líquido acompanhado de bolos de tapioca, macaxeira, beiju, peta e outras guloseimas.

### **Memória de Velhos: uma janela aberta no tempo**

Memórias de Velhos. Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. Volume III. José Jansen Ferreira, Marciano Vieira Passos, Cecílio Ignácio de Sá. Pgs. R\$ 10,00.

*Roza Santos*

Depoimentos de três figuras que compõem o nosso painel cultural constituem o terceiro volume da Coleção Memória de Velhos: José Jansen Ferreira, nascido em 1904, Marciano Vieira Passos, nascido em 1907 e Cecílio Ignácio de Sá, nascido em 1913. Cada um com experiência de vida e formação intelectual diferentes, mas tendo em comum o gosto pela música e pela arte de representar. O teatro acadêmico de José Jansen, o teatro de rua de Marciano Passos, amo-cantador de bumba-meu-boi e o teatro popular de Cecílio Sá.

José Jansen, nascido em família abastada, teve acesso às letras e às artes. Formou-se em Direito e teve oportunidade de conhecer vários países europeus. Talvez venha daí a sua paixão pela preservação dos bens culturais e intelectuais do Maranhão. Relembra o primeiro museu de São Luís, organizado por Antônio Lopes no andar térreo da antiga Assembléia, na rua do Egito, projeto do qual ele e um grupo de amigos participaram. Da criação do Museu Histórico lembra do esforço que ele e Josué Montello despenderam para formar o acervo. No teatro, revive figuras como Apolônia Pinto, Antônio Rayol, João Nunes, Arthur Azevedo e Coelho Neto, entre outros, registrados em seu livro História do Teatro do Maranhão. Fala da influência do teatrólogo maranhense Viriato Corrêa, seu amigo, que escrevia peças para grandes artistas como Procópio Ferreira, e diz que "as peças de Viriato atingiam o público de uma maneira extraordinária, por que ele era muito brasileiro". A memória de José Jansen passeia também pelas festas natalinas, pelos presépios de seu Augusto Reis, da Rua dos Afogados, que na época já fazia presépio eletrificado em que as peças e figuras se movimentavam; dos pastores de Dona Laura Belo; do bumba-meu-boi proibido de brincar no centro da cidade; do tambor de crioula que era mais dançado no interior da Ilha e dos grandes sítios que tornavam a cidade misteriosa.

A grande paixão de Cecílio de Sá é o teatro e "ouví-lo" é percorrer a história do teatro amador do Maranhão.

Cecílio relembra as fases do teatro amador num tempo em que as peças eram musicadas e tocadas ao vivo enquanto os atores representavam. Músicos como a pianista Sinhazinha Carvalho, Pedro Gronwell e Lauro Leite, pai, violinistas, pouco conhecidos pela geração mais jovem. Bibi Geraldino que escrevia textos para peças e autos de brincadeiras de carnaval. Os espetáculos das grandes companhias de teatro que vinham para São Luís e o primeiro contato de Cecílio com o teatro são fatos que marcam a vida desse teatrólogo popular.

E o Teatro Arthur Azevedo virou cinema, foi arrendado para uma empresa cinematográfica. Era um espaço a menos para apresentação das peças dos grupos amadores. "Era uma luta pra gente conseguir uma noite pra amador". Lady Godiva, Amor por Anexins, A vida tem três andares, entre outras, foram peças dirigidas por Cecílio de Sá, mas ele se popularizou com a 'Paixão de Cristo'- o povo gostava de ver o Cristo ser martirizado - que por longos anos foi encenada na Igreja de São Pantaleão.

Cecílio, que é a história viva do teatro amador maranhense, diz: "nunca fiz teatro por escola ... o meu teatro era popular".

A Madre Deus é carnaval, é São João, é um gueto da cultura popular maranhense, cercada e protegida por muros que a tornaram a aldeia do folclore. É essa Madre Deus que é lembrada por seu Marciano Vieira Passos, amo-cantador do boi da Madre Deus junto com Zé Igarapé, nos meados dos anos vinte.

A princípio foi pescador, como a maioria dos moradores. Depois foi operário da fábrica Cânhamo, de exportação de estopa. Mas a grande paixão era o bumba-meu-boi de matraca. As brigas entre as brincadeiras de bumba-meu-boi quando se encontravam; o portão da Madre Deus. Pois é. A Madre Deus era cercada. Começava na Rampa de São Pedro, onde hoje é a Igreja, e terminava na fábrica Cânhamo. A família toda participava, acompanhava a brincadeira.

Madre Deus era um bairro de criação de manifestações populares "cabeça-de-bagre" era pelo carnaval, "era homem vestido de mulher e mulher às vezes saía vestida de homem... tinha sanfona". As músicas eram de "um rapaz chamado Bibi Geraldino... morava na rua do Norte".

Marciano Passos, amo-cantador, em uma toada, mostra o que representou para os boieiros daquela época:

"Eu não quero compromisso  
Que meu tempo já passou  
Quem me conheceu  
Ainda conta meu valor  
Dentro da Madre Deus  
Eu fui governador".

Assim, Memória de Velhos: depoimentos – uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense, Volume III, coleção editada pelo Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, reúne episódios que marcaram a vida de artistas populares que hoje são a nossa história sociocultural.



## **Programação Comemorativa**

O Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, para marcar a passagem dos 17 anos de fundação e primeiro ano de reabertura do Prédio de Exposições, promoveu, no decorrer do mês de abril, um extensa programação de atividades, com o título A Cara do Maranhão. A programação se constituiu de quatro eventos principais. O primeiro - Lambe-lambe com água na boca - aconteceu no dia 6 de abril, com o lançamento do livro Lambe-lambe: pequena história da fotografia popular, de Solon Ribeiro, com depoimento do autor e abertura da exposição fotográfica Vida e Morte da Fotografia, que contou com a participação do fotógrafo popular Francisco Antônio de Sousa - o Caçamba.

Nessa oportunidade, foi promovida uma grande Feira do Pregão, com a presença de um expressivo número de vendedores típicos de feiras, mercados e festas populares maranhenses. A Feira teve animação do grupo de Nunes do Acordeon.

Nos dias 7 e 8, foi realizada uma Oficina de Brinquedos Populares, ministrada por Gandhi Piorski, que resultou numa mostra, no dia 9, com os brinquedos fabricados pelos alunos. Nessa data, aconteceu ainda a abertura do espaço Zé Caveira, na área do Circuito de Exposições do Centro de Cultura Popular, dedicado a brinquedos populares. O nome do espaço é uma homenagem a um artista popular que fabricava papagaios (pipas) de papel de seda.

No dia 16, o terceiro evento - O Povo está dizendo: na Baixada é bom boiar - marcou a programação comemorativa, com o lançamento do CD bumba-meu-boi de Pindaré. Nesse dia, houve apresentação de um grupo de 16 tocadores e cantadores do município de Pindaré-Mirim, além de cazumbás.

A passagem do dia 19 de abril foi lembrada com uma exposição de fotografias sobre os índios Guajá e lançamento do livro-reportagem Guajá: a odisséia dos últimos nômades de autoria do jornalista Félix Alberto Lima. A exposição abriu o Circuito de Exposições Espaço Olímpio Cruz, que homenageia o poeta, escritor e prosador nascido em Soledade, entre os descendentes dos Timbira (Canela), que publicou vários trabalhos sobre a realidade dos índios do Maranhão.

O encerramento da programação comemorativa aconteceu no dia 30, com Tem rebuçado: as jornadas de São Gonçalo e São Benedito de Boa Vista / Santo Amaro do Maranhão, quando se apresentou um grupo do município de Santo Amaro, acompanhado pelo conjunto de músicos Espesçoça Galo. Nesse dia foi aberta, na Galeria Zelinda Lima, a exposição Entrelaços de Boa Vista, com subprodutos da palmeira de carnaúba, material trabalhado artesanalmente pela comunidade de Boa Vista.

A programação do mês de abril, que contou com a presença de um público significativo em todos os dias, teve o apoio cultural da Comissão Maranhense de Folclore, gerências regionais de Rosário e Santa Rita, prefeituras de Primeira Cruz e Pindaré-Mirim, Foto Sombra, Restaurante do SENAC, Pousada do Francês, Bar Antigamente e Rádio Universidade FM.

### **Divino na casa de Dona Faustina**

Dona Faustina Costa Serrão, natural do município de São Bento, tem 94 anos e é uma das mais antigas festeiras do Divino de São Luís. Ela começou a fazer a festa com sua mãe, ainda em São Bento, como pagamento de promessa devida do Espírito Santo. A primeira festa realizada em São Luís aconteceu na rua 18 de novembro, no bairro Camboa. A partir de 1954, mudou-se para o Cavaco (primeiro nome do atual Bairro de Fátima), onde é realizada até hoje na rua da Liberdade. Segundo Dona Faustina, a sua festa, de religiosidade popular católica e não de Terreiro, tem mais de cento e cinquenta anos. Este ano festa começou com a abertura da tribuna no Domingo de Aleluia; no dia 13 de maio aconteceu o levantamento do mastro e no dia 23 de maio, Domingo de Pentecostes foi o ponto alto da festa com missa, cortejo do império e alvorada. Na segunda-feira, houve o fechamento da tribuna, com o derrubamento do mastro e repasse dos símbolos do Divino aos festeiros do ano 2000.

### **Festa do Divino**

A Festa do Divino Espírito Santo do município de Alcântara contou, esse ano, com três importantes peças de comunicação na sua divulgação: cartaz, folder, onde foi divulgada a programação da festa no período de 13 a 23 de maio e livreto, elaborado pelo historiador Carlos de Lima, com o roteiro básico da maior festa de Alcântara.

O livreto, que dá um enfoque no ritual da festa, foi elaborado a partir de entrevistas realizadas, pelo autor, com pessoas envolvidas na festa do Divino de Alcântara.

O material de divulgação foi produzido com fotografias de Albani Ramos e impresso pela Lithograf, com o patrocínio do Governo do Estado do Maranhão, através da Gerência Adjunta para Cultura, e apoio da Comissão Maranhense de Folclore.

### **Lançamento de Livros**

A Prefeitura Municipal de Alcântara, a Gerência Adjunta para Cultura, através do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, e a Comissão Maranhense de Folclore promoveram, no dia 12 de maio (dia do início da Festa do Divino de Alcântara, com o levantamento do mastro), o lançamento dos livros Vida, Paixão e Morte de Alcântara, de Carlos de Lima, e Pecados da Gula, de Zelinda Lima. O lançamento foi realizado na Sala do Trono, da Casa do Divino, em Alcântara e contou com a participação popular, com destaque para professores e alunos de escolas públicas do município. Os autores foram recepcionados com um almoço e uma mesa de chocolate com doces típicos da festa do Divino Espírito Santo, oferecidos pelo imperador da festa desse ano, Hélio Teixeira Leite.

### **Conversa pra boi não dormir**

Com o tema Conversa pra boi não dormir, foi realizada uma palestra, no dia 14 de maio, pelo poeta, jornalista, pesquisador, boieiro e membro do Associação Folclórica e Cultural do estado do Maranhão - ASFCEMA, Herbert de Jesus Santos. Com conhecimento teórico e prático do bumba-meu-boi maranhense, no qual tem viva participação, o palestrante discorreu, por mais de duas horas, sobre a origem da brincadeira, seu percurso histórico (repressão e resistência), os sotaques do Maranhão e do Brasil e peculiaridades da dinâmica de funcionamento dessa importante manifestação da cultura popular maranhense.

O evento foi uma promoção da Gerência Adjunta para a Cultura, através do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, Comissão Maranhense de Folclore e ASFCEMA.

### **Criação da FUNCMA**

O Governo do Estado do Maranhão promoveu, no início do ano, uma série de mudanças na administração pública, o que resultou na transformação da antiga Secretaria de Estado da Cultura, em Gerência Adjunta para a Cultura e, posteriormente, Fundação Cultural do Maranhão, à qual estão vinculados os antigos órgãos da extinta SECMA, inclusive, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

### **Divino de outros cantos**

Considerando a grande importância da tradicional Festa do Divino Espírito Santo para a cultura popular maranhense, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho mantém, em seu Circuito de Exposições, a Sala do Divino, que apresenta uma mostra de componentes do significativo universo desse evento. Numa homenagem à Festa do Divino, o Centro de Cultura Popular elaborou uma programação especial para os dias 9 e 10 de junho, com a abertura de uma exposição sobre Artefatos da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís, Peria e Alcântara e mostra especial do trabalho do artesão alcantareense Antônio do Livramento Boaes Tavares. A exposição acontece na Galeria Zelinda Lima.

Nesse dia haverá ainda Toques e cantos com ladainha, pelas caixeiros do Divino de Alcântara e Peria (povoado município de Humberto de Campos), organizada pela Senhora Dulce Espíndola, além de animação por músicos típicos dos bailes da Festa do Divino de Peria.

No dia 10, acontece a Recepção do Império do Goiabal, da tradicional Festa do Divino de Dona Nilza, seguindo o ritual característico desse tipo de visita, com uma série de toques e cantos das caixeiros. O evento será encerrado com a Fanfarras Municipal de Vargem Grande, criada pela Secretaria de Educação do município.

A programação tem o apoio das prefeituras municipais de Alcântara e Vargem Grande e da Comissão Maranhense de Folclore.



## **Touchê: uma aventura em noite de São João**

O jornalista e escritor Wilson Marques dá asas à imaginação e leva o menino Rafa, em companhia de seu amigo Touchê, a percorrer o rico universo da cultura popular maranhense, onde tem uma proveitosa série de encontros e enriquece seus conhecimentos com a sabedoria das manifestações da cultura popular, seus personagens e situações. Com essa temática, o escritor lançará, no dia 18 de junho, às 18 horas, no Centro de Cultura Popular, o livro *Touchê: uma aventura em noite de São João*, dando início à programação junina do CCP. O livro, que foi ilustrado pelo autor e tem capa da artista plástica Ana Borges, teve sua publicação viabilizada pelo Governo do Estado do Maranhão, através da Fundação Cultural do Maranhão/Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, com o apoio da Comissão Maranhense de Folclore.

---

## **Perfil Popular**

### **Dona Celeste da Casa das Minas**

*Sérgio Ferretti*

Dona Maria Celeste Santos, vodunsi da Casa das Minas Jeje que discretamente completou 75 anos, no último dia 13 de abril, é pessoa muito conhecida em São Luís. No Volume I da Coleção Memória de Velhos, publicada pela SECMA/CMF, em 1997: p 87-164, ela narra sua história de vida, em longo depoimento gravado no início dos anos 80. Conta que, desde cedo, trabalhou em casas de família e, mais tarde, na Fábrica de Tecidos Cânhamo da Rua São Pantaleão, que morou 14 anos no Rio de Janeiro, que aprendeu e trabalhou, por muitos anos, com corte, costura e bordados, como manicure e cabelereira e na fabricação de doces, frios e bandejas.

Desde criança, Dona Celeste participava, como bandeireira e depois como caixeira, das Festas do Divino em várias casas em São Luís. Ainda jovem, passou a freqüentar a Casa das Minas e, em 1950, ao tempo da famosa mãe Andresa, foi iniciada vodunsi-he, consagrada ao seu protetor, o senhor toi Averequete, vodum jovem, devoto de São Benedito.

Dando continuidade a uma tradição que vem do século XIX, em 1968, Dona Celeste assumiu a responsabilidade pela organização da festa do Divino na Casa das Minas. Como especialista no assunto, ajuda a organizar essa e muitas outras festas, em várias casas e terreiros amigos. É considerada uma das grandes conhecedoras da Festa do Divino no Maranhão, que ela domina nos mínimos detalhes e sobre os quais gosta de passar horas conversando. Todos os anos, entre abril e junho, ela se esmera na preparação dessa festa, que organiza com grande pompa na Casa Grande da Rua de São Pantaleão e depois ajuda na organização da festa em outros terreiros de mina de São Luís.

Na missa campal que celebrou no aterro do Bacanga, quando visitou o Maranhão em 1991, o Papa João Paulo II recebeu presentes típicos das mãos de diversos representantes do povo maranhense. Dona Celeste, com Dona Florzinha, que organiza a festa do Divino em Alcântara, ofereceram ao Papa uma pomba branca, símbolo dessa devoção, que em São Luís é assumida principalmente pela religião afro-brasileira, dando características sui-gêneris a essa tradição de origem Açoreana.

Em 1993, quando visitou o Benin, a convite de Pierre Verger, participando da cerimônia de inauguração de um monumento que assinalava o local do embarque dos escravos em Ouidah, Dona Celeste entoou cântico da Casa das Minas, que foi reconhecido e acompanhado pelos mais velhos, conhecedores do culto, que estavam presentes. Nessa memorável viagem, em vários locais onde a comitiva parava, algumas vezes ela cantava baixinho cânticos antigos na língua jeje da Casa das Minas e era imediatamente reconhecida como representante do culto dos voduns do Daomé e tratada com as honras devidas aos dignatários especialistas no culto dos voduns.

Dona Celeste tem recebido justas homenagens de autoridades maranhenses. Sempre tratando bem e encantando a todos que privam de sua companhia, ela possui o carisma das grandes mães-de-santo brasileiras. Dona Cecé, como é carinhosamente chamada, é um dos pilares da tradição mina jeje-nagô do Maranhão. Junto com seus numerosos admiradores e amigos, pedimos que todos os santos e voduns dêem a ela muitos anos de vida com saúde, para que possa continuar, por longo tempo, encantando a todos com sua presença, seus conhecimentos, sua sabedoria e com toda a sua enorme e cativante simpatia.